

Veterano temperado na frente de Cabo Delgado



● Tenente-Coronel Amândio Chongo conta a sua experiência de guerrilheiro

Amândio Rafael Moisés Chongo, hoje Tenente-Coronel das FAM/FPLM, é um dos veteranos da luta de libertação nacional, à qual se ligou desde 1964 na clandestinidade na então Lourenço Marques. Nascido em Mocimboa da Praia, Cabo Delgado, para onde o pai fora transferido, mais tarde viria a estudar na então Escola Industrial de Lourenço Marques, residindo na Mafalala, sensivelmente em frente ao bairro indígena, conforme precisa. As vicissitudes do xibalo, do trabalho forçado, a discriminação e outros males a que assistiu, fizeram de Amândio Chongo um dos mais dedicados e tenazes combatentes contra a presença colonial portuguesa em Moçambique, temperado na frente de Cabo Delgado.

Filho de professor do chamado ensino rudimentar, colocado como funcionário do Estado Português em vários pontos da então província de Moçambique, Amândio Chongo teve a oportunidade de verificar factos e acontecimentos que marcariam a sua personalidade e viriam a determinar a sua decisão de se tornar combatente pela liberdade do País.

A esse propósito, ele conta que, eu tive a possibilidade de frequentar a escola primária em Milange e Macuse, na Zambézia. Era uma escola essencialmente para brancos, onde os negros eram uma pequena minoria.

Nessa escola, foi sempre patente a discriminação racial em relação a nós, não só em termos de atribuição de notas de aproveitamento, como cenas de violência e humilhação por parte dos professores e colegas brancos.

O Tenente-Coronel Amândio Chongo acrescenta que nas locali-

dades onde passei a minha infância vi cenas de xibalo, trabalho forçado nas estradas e nas plantações de chá, em condições desumanas.

É assim que, segundo ele, toda esta realidade de injustiças e exploração despertou a necessidade de reflectir profundamente sobre a natureza do sistema colonial.

A TRAJECTÓRIA

Amândio Chongo não se deixou ficar apenas pela reflexão. Aderiu às actividades clandestinas contra a presença colonial.

Em Outubro de 1964, com apenas 18 anos, conheci e contactei pessoalmente Joel Maduna Xinana através do camarada Milagre Muthemba, quando encontravam-se em Lourenço Marques guerrilheiros destacados pela FRELIMO para realizarem tarefas organizativas e de mobilização.

O nosso entrevistado disse ainda que, em fins de 1964, com 19 anos de idade abandonou Lourenço Marques com a intenção firme de me integrar na Frente de Libertação de Moçambique. Tendo-se juntado a outros moçambicanos refugiados em Mbabane, na Suazilândia, ainda veio duas vezes a Moçambique clandestinamente, onde era já procurado pela PIDE. Essas deslocações tinham em vista o cumprimento de missões ligadas à organização da luta.

Conforme referiu, algum tempo depois saí da Suazilândia clandestinamente para a África do Sul, acompanhado por mais três camaradas, entre os quais o agora Major-General Américo Mpfumo. A intenção era chegar a Joanesburgo e seguirem para o Botswana, mas fomos traídos por um



Participou na criação do primeiro destacamento de artilharia terrestre em Cabo Delgado — Amândio Chongo

motorista de nome Dube que nos abandonou numa rua de Joanesburgo.

De acordo com Amândio Chongo, passados alguns minutos fomos detidos pela polícia sul-africana por falta de documentos, tendo sido condenados a dois meses de trabalhos forçados nas plantações de batata próximos da prisão de Modder Bee em Benoni.

Terminado o cumprimento da pena, o nosso interlocutor seguiu para o Botswana, onde encontrei os camaradas Major-General Domingos Fondo e o Major José Humberto. Avançamos até Kasangule, depois para Livingstone e Lusaka. Foi daqui que seguiu para a Tanzânia, país em cuja capital funcionavam os escritórios da Frente de Libertação de Moçambique.

DAS DIVISÕES A UNIDADE

Amândio Chongo recorda que, quando chegou a Mbeya, um centro transitório de refugiados moçambicanos na Tanzânia, deparei com imensas dificuldades de integração, devido às divisões de carácter tribal e regional, ainda bastante notórias. Contudo, devido ao grande trabalho de mobilização e organização levado a efeito pelos nossos dirigentes, assim como graças à preparação militar no campo de Kongwa, essas dificuldades foram diminuindo progressivamente.

Esclareceu também que outras dificuldades teve, porém próprias de quem entra para uma vivência colectiva e para uma preparação militar bastante dura.

Em 1966, Amândio Chongo foi enviado para se formar na União Soviética, no domínio da artilharia terrestre, conforme explicou. Embora a sua especialidade fosse essa, também se preparou para outros domínios, e beneficiou de uma educação política que me permitiu entender melhor o que era o colonialismo.

O ponto decisivo da sua formação seria porém Nachingwea, após o seu regresso do exterior.

Os quadros treinados na China e os treinados na União Soviética ressentiam-se das contradições sino-soviéticas, de que traziam re-

flexos, ainda que minúsculos, para Nachingwea. Ali, de acordo com Amândio Chongo, dava-se uma uniformização política e militar. Foi em Nachingwea onde compreendi, assumi e aprendi a desenvolver o conceito de contar com as próprias forças.

Nachingwea constituía-se assim como a forja de um combatente despido do regionalismo, do tribalismo e de toda a forma de divisão.

NA FRENTE DE CABO DELGADO

Após estes treinos em Nachingwea, no ano de 1967, Amândio Chongo foi colocado na frente de Cabo Delgado.

Como se sabe, a actividade tribalista e divisionista de Lázaro Khavandame, que era o Secretário Provincial, afectou grandemente a luta em Cabo Delgado, sensivelmente por essas alturas. O nosso interlocutor diz ter sido nessa frente onde compreendeu melhor, o valor da Unidade Nacional.

Falou da acção dos «chairmens», a quem considerou representantes de uma estrutura tribal e feudal local com reivindicações reacçãoárias. Destacou, no entanto, o papel de Raimundo Pachinuapa na frustração dos intentos de Lázaro Khavandame em Cabo Delgado.

A título ilustrativo das acções tribalistas naquela frente, Amândio Chongo contou que, quando fui para lá, deparei com o problema da língua porque as pessoas só respondiam se falássemos em maconde. Era mais uma das acções de Khavandame no seio da população. O nosso entrevistado disse que isso forçou-me a ter de aprender o maconde muito rapidamente.

Ainda sobre a situação na frente de Cabo Delgado, Amândio Chongo referiu que, apesar de tudo, encontramos hospitalidade e imensa simpatia por parte da população de Cabo Delgado, particularmente no Planalto de Mueda. Tivemos pais, tios, irmãos, enfim, vivi com famílias com as quais ainda hoje me relaciono.

De acordo com o nosso entrevistado, nessa altura o exército



Elementos da população percorriam os trilhos onde o perigo assomava de todos os lados, para levar comida aos guerrilheiros da FRELIMO

colonial realizava ataques de grande envergadura em Mueda.

DESTACAMENTO DE ARTILHARIA

No último trimestre de 1968, Amândio Chongo foi um dos elementos do grupo de guerrilheiros que criaram o primeiro destacamento de artilharia em Cabo Delgado, chamado «Gungunhana». Conforme este oficial das FAM/FPLM, o Destacamento de Artilharia «Gungunhana» estava localizado no triângulo Mueda — Miteda — Nangelolo.

Embora este destacamento fosse essencialmente de artilharia, tinha também as especialidades de infantaria e sabotagem. Posteriormente, passou a ter um pelotão na Base Beira em Nangade, 1.º sector, e outro em Macomia, numa base do terceiro sector.

Os soldados que manifestassem determinada fraqueza para as tarefas combativas, como sejam debilidades físicas ou doenças crónicas, eram integrados nas áreas produtivas, que incluíam três machambas para mandioca e milho principalmente, uma secção de pesca no Lago N'guri e uma de caça em Negomano. Para além da alimentação, estes dois últimos produtos serviam para troca com a população das zonas libertadas.

Sobre a ocupação dos tempos em que não estivessem em combate, Amândio Chongo disse que, sendo um destacamento de artilharia, exigiam-se profundos conhecimentos de topografia, trigonometria e álgebra. Por isso, esses tempos eram ocupados com a preparação permanente dos guerrilheiros.

Falando dos combates que mais



Nas zonas de que o Inimigo era expulso, a FRELIMO organizava a educação e outros serviços sociais

o marcaram, o nosso entrevistado apontou o ataque a um posto fortificado em Nacatar, em Janeiro de 1968. Segundo conta, sairia ferido desse combate. Amândio Chongo viria a ser ferido de novo em combate, a 11 de Junho de 1970. Na altura foi transportado para a Itália, onde foi tratado.

Ele recorda ainda um ataque ao aeródromo militar de Mueda, em Agosto de 1968, como uma das operações em que mais o orgulhou participar.

Fazendo um breve balanço da actividade do destacamento de artilharia «Gungunhana», Amândio Chongo afirmou que, de 1967 até 1971, destruímos mais de 25 aviões, dos quais 19 em terra, no ano de 1967 alguns, e outros em 2 de Agosto de 1968. Os restantes foram abatidos no ar, segundo explicações do nosso interlocutor.

Sobre as memórias do seu tempo de artilheiro em Cabo Delgado, ele recorda e admira os papéis jogados pelo Major-General Raimundo Pachinuapa, pelo Major Ndupa e pelo camarada Polela na frente de Cabo Delgado, nos fins de 1969.

ENSINAMENTOS DA LUTA ARMADA

Dos muitos ensinamentos colhidos na luta armada, o nosso entrevistado destacou a luta pela Unidade Nacional, o envolvimento do povo na solução dos seus próprios problemas, o método de trabalho colectivo e a agudização da vigilância na fase da guerra subversiva.

Sobre como poderiam ser valorizadas estas experiências, Amândio Chongo disse que, a Unidade Nacional passa pela eliminação do tribalismo, regionalismo e do racismo em ambos os sentidos.

Mais adiante referiu que, os principais aspectos aqui referidos e outros, estão a ser implementados mas não de forma organizada e uniformizada em todos os sectores da vida do País. Afirmou ainda que há sectores que aplicam métodos autoritários, o espírito de sabe-tudo e de não valorização da opinião do colectivo ou da base na resolução de problemas, tornando o centralismo

democrático um princípio vago em vários sectores.

Ainda sobre as experiências e ensinamentos colhidos durante a luta armada, ele referiu que, algumas das múltiplas dificuldades que enfrentamos hoje na reconstrução do nosso País poderiam ser evitadas, se nos inspirássemos na rica experiência da luta armada que foi uma verdadeira Universidade para todos nós, particularmente dirigentes, quadros, combatentes e o próprio povo.

Na sua opinião, o trabalho político devia ser intenso e permanente de modo a atingir os níveis que determinaram o engajamento nos terceiro e quarto Congressos do Partido Frelimo.

EDUCAÇÃO PATRIÓTICA

Outra das questões abordadas por Amândio Chongo, foi a da educação das camadas jovens para o amor à Pátria, à Revolução e ao trabalho. Conforme disse, a recolha de informações junto de testemunhos de páginas gloriosas da luta de libertação e da luta contra Smith e a sua divulgação em entrevistas na Imprensa, mesas-redondas, através da rádio e da televisão, enriqueceria esta acção.

Referiu que enquanto o tempo passa e com ele protagonistas de episódios ricos de patriotismo, conteúdo revolucionário e internacionalismo, os textos nas escolas sobre esse passado grandioso são escassos e insuficientes. Os encontros com veteranos não deveriam restringir-se só à actual campanha de educação patriótica contra o banditismo armado. Mas dever-se-ia ampliar a outros temas.

O nosso entrevistado disse pensar que, a designação de comissários políticos para as escolas secundárias iria desempenhar um papel importantíssimo na formação dos jovens. Este trabalho político aliado a uma preparação paramilitar, com a realização de acampamentos nas zonas rurais em certos períodos do ano, ajudaria até os nossos jovens a valorizarem a nossa própria cultura. □